

## PAZ E GUERRA NO TEATRO DE ARISTÓFANES

Fábio de Souza Lessa\*

### Résumé

*Dans cet article, nous analysons la relation entre la paix et la guerre pendant les premières années de la Guerre du Péloponnèse par le biais du théâtre d'Aristophane. Les Acharniens et La Paix sont les documents choisis pour cette étude.*

Pretendemos neste artigo analisar as relações estabelecidas entre o comediógrafo Aristófanes (448-380 a.C.) e a *pólis* dos atenienses, nos centrado mais especificamente nas propostas para a restauração da paz entre os atenienses e os helenos em geral, e nas críticas às lideranças políticas áticas que são defensoras da continuidade das rivalidades entre Atenas e Esparta; isto é, do conjunto de conflitos que conhecemos como guerra do Peloponeso<sup>1</sup> (431-404 a.C.). Concordamos com Anna Komornicka que as comédias de Aristófanes nos apresentam as crises que os gregos e os atenienses, em particular, suportaram nos planos político, social, econômico e cultural (KOMORNICKA: 1997, p. 397). Há por parte dos historiadores um consenso de que o corte temporal compreendido pela guerra do Peloponeso constitui aquele melhor conhecido da história dos atenienses e que as obras de Aristófanes se apresentam como os testemunhos mais vigorosos para a compreensão desse período. Neste sentido, Claude Mossé defende que o teatro de Aristófanes nos permite entrever as reações da opinião pública ateniense<sup>2</sup> e também evidencia que a guerra do Peloponeso tinha infligido um rude golpe aos pequenos camponeses (MOSSÉ: 1997, p. 53; MOSSÉ: 1994, p. 28).

A relação entre gênero cômico, vida cotidiana e contemporaneidade é bastante intrínseca. Diferente da tragédia que retira suas personagens das lendas e do passado mítico, a comédia as retira, na maior parte do tempo, da

---

\* Professor Doutor Adjunto do LHIA/IFCS/UFRJ.

Este artigo, com algumas modificações, foi apresentado em forma de comunicação na IV Jornada de Estudos da Antiguidade promovida pelo CEIA/UFF em julho de 2002.

E-mail: fslessa@uol.com.br

vida política<sup>3</sup> ateniense contemporânea (COULET: 1996, pp. 76-77). É predominante a idéia de que alguns aspectos da vida cotidiana se constituíram de base para os propósitos da comédia ática, sendo levados ao exagero para que tivessem um efeito cômico (MURRAY: 1993, p. 235). Tal idéia se torna mais clara se observarmos as propostas dos heróis das duas comédias que selecionamos para análise neste artigo: Diceópolis, protagonista de *Os Acarnenses* e Trigeu, herói de *A Paz*. Ambos discutem o cotidiano vivenciado pelos atenienses no decorrer dos dez primeiros anos da guerra – denominados de guerra de Arquidamos – e são homens políticos. Da mesma forma que Francisco Oliveira, entendemos como sendo homem político todo personagem que, no contexto de cada peça, age ou é mencionado politicamente (OLIVEIRA: 1997, p. 483). Não nos restam dúvidas de que Diceópolis e Trigeu agem politicamente.

Diceópolis pode ser concebido como um herói individualista e egoísta, pois procura uma solução individual, contemplando no máximo a sua família. Incapaz de fazer com que os cidadãos atenienses em assembléia votassem e mesmo ouvissem o seu apelo em prol de uma trégua com os lacedemônios, o herói de *Os Acarnenses* entrega ao personagem Anfíteo oito dracmas e o solicita que faça tréguas com os espartanos somente para ele, seus filhos e sua mulher (ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*, vv. 130-133). Ao contrário de Diceópolis, Trigeu é o que poderíamos dizer *modelo de herói aristofânico*, pois se caracteriza pelo altruísmo. Ele propõe o restabelecimento do conjunto da *koinonía*. Segundo Pascal Thiery, Trigeu inaugura a série dos heróis *restauradores* (THIERCY: 1986, p. 207 – *o grifo é do autor*). Ele alimenta um escaravelho para voar até Zeus (ARISTÓFANES. *A Paz*, vv. 68 e 102), sendo o seu objetivo interrogar o deus sobre o que pensa fazer dos helenos (ARISTÓFANES. *A Paz*, v. 105).

Podemos nos perguntar quem são esses dois heróis? São cidadãos plebeus e camponeses comuns. Diceópolis é morador do *dêmos Kholleidai* da tribo *Leontis* (v. 406) e Trigeu é um viticultor do *dêmos de Athmonon* pertencente a tribo *kekropis* (vv. 190 e 919). Ambos os *dêmoi* estão localizados próximos da *ásty*, o que permite que Aristófanes apresente a dicotomia de interesses e de valores entre os espaços urbano e rural, mas sem perder de vista que a interação e a complementaridade desses espaços é pressuposto essencial para a existência da *pólis*. E defendemos que a sua proposta de paz resgataria essa integração, que se encontrava comprometida no mundo contemporâneo do poeta. A relação entre *ásty* e *khóra* se explicita na dicotomia

entre guerra e paz. A guerra é associada ao espaço urbano, onde estão os demagogos e todos os grupos que defendem o conflito, e a paz aparece vinculada ao campo. Mais à frente recuperaremos esta questão. No momento é importante enfatizarmos que tanto Diceópolis quanto Trigeu são camponeses médios<sup>4</sup>. O primeiro é proprietário de quatro escravos – dois homens e duas mulheres –, enquanto o segundo possui apenas dois – ambos homens (CHEVITARESE: 1999, p. 91). Claude Mossé também defende que o camponês de Aristófanes não é um miserável. Ele, segundo a autora, possui alguns escravos e, embora, a guerra o tenha refugiado no interior das muralhas, tem saudades da *khóra* (MOSSÉ: 1994, p. 27).

Apresentadas tais características de Diceópolis e de Trigeu, podemos concluir que eles eram pessoas simples, mas eram, apesar disso, indivíduos que se sentiam apaixonados por coisas que falavam de perto ao público e que faziam esforços heróicos para atingir suas metas. Diceópolis enfrenta a assembléia ateniense e o Coro dos acarnenses para estabelecer e manter a sua paz individual e Trigeu voa até aos deuses para restabelecer a paz coletiva e enfrenta a oposição dos grupos citadinos que lucravam com a guerra. Apesar de modelo, Diceópolis, no início da comédia, não é mais do que um cidadão em meio dos outros. Ele é respeitador das leis, dos costumes da *pólis* e dos valores tradicionais; ele detesta os demagogos – e em particular Cléon –, os magistrados desprovidos de consciência profissional e, sobretudo, ele aspira profundamente a paz (THIERCY: 1986, p. 191; consultar: ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. vv. 595-97). Trigeu também é um simples cidadão ateniense que se investe do título de embaixador dos helenos para ir até Zeus. Ele representa o que é excepcional nos heróis aristofânicos, o conjunto da *pólis*; permitindo uma identificação quase total do espectador com o protagonista. Trigeu é, sem dúvida, o mais humano dos heróis aristofânicos (THIERCY: 1986, pp. 208-209).

Logo, o herói aristofânico é o cidadão comum imerso no seu cotidiano<sup>5</sup>. O sociólogo José S. Martins, pensando na relação entre senso comum e vida cotidiana contemporânea, afirma que “o novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais” (MARTINS: 1998, p. 2). Apesar do distanciamento temporal entre as duas concepções de heróis, nos parece que ser um indivíduo-cidadão comum e estar interagindo com o seus respectivos cotidianos nos revela traços de interseção entre essas duas concepções.

Porém, ser herói no teatro de Aristófanes não significa ser o centro da peça. Em *A Paz*, por exemplo, não é Trigeu o centro da comédia, mas sim o desejo pela paz. Concordamos com Pascal Thiery que Trigeu se constitui em um novo tipo de herói aristofânico; um herói sempre solitário que sabe aproveitar as circunstâncias que lhes são apresentadas e tomar decisões, mas que é conduzido por sentimentos altruístas, e porque não, pan-helênicos. Ele é o herói mais feliz de todo o teatro de Aristófanes (THIERCY: 1986, p. 215).

Os resultados dos dez primeiros anos de guerra na sociedade dos atenienses se encontram bem representados nas duas comédias em análise. Tanto em *Os Acarnenses* apresentada em 425 a.C., quanto em *A Paz* datada de 421 a.C.<sup>6</sup>, observamos: a inversão de valores na vida política, com a presença de lideranças advindas de grupos não tradicionais, isto é, comerciantes; a penúria da vida urbana com a carestia alimentar; a devastação da *Khóra* devido a presença do inimigo; a luta pela paz em oposição a guerra, entre outros elementos.

A busca pela paz é constante no teatro de Aristófanes (CARRIERE: 1979, p. 59). A comédia *A Paz* é certamente o melhor exemplo desta busca incessante do comediógrafo. A morte do demagogo Cléon<sup>7</sup> no ano anterior a apresentação da comédia facilita, na concepção de Aristófanes, o estabelecimento da paz entre os helenos. A metáfora do pilão apresentada na comédia em questão é elucidativa: Cléon é o pilão que *amassa* os atenienses (ARISTÓFANES. *A Paz*, vv. 270-71, 284). Este demagogo também é atacado pelo poeta em outras de suas obras, principalmente em *Os Cavaleiros*, cuja sua atuação pública é disforizada, pois Cléon possui a “lingüinha mais afiada que já se viu” (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*. vv. 44-46), é gatuno, grasnador (vv. 136-37), adulator (v. 268), corrupto (v. 403), velhaco (v. 759) e defende a manutenção da guerra (vv. 802-809).

A comédia *A Paz* também pode ser concebida como um prelúdio do êxito de Nícias ao propor a paz com os lacedemônios e tendo o apoio dos camponeses. Certamente a Paz de Nícias foi viabilizada pela ausência do demagogo. Os ataques aos homens políticos forneciam, já bem antes de Aristófanes, matérias aos cômicos. Porém, durante o período da guerra, as críticas se fizeram cada vez mais violentas e diretas, visando essencialmente os novos líderes democratas saídos dos meios populares (CARRIERE: 1979, p. 55). O cenário político ateniense estava nas mãos do *dêmos ágo*, isto é, dos condutores do povo<sup>8</sup>. O demagogo era assimilado ao homem que se alimentava da colheita do outro. Cléon se apropriou do plano de Demóstenes

para vencer em Pílos (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*. vv. 55-59, 392 e 1201). Para obter sucesso ou atingir aos seus fins, o demagogo se utiliza de qualquer situação sempre prometendo coisas. É demagogo aquele que engana o povo. Demagogo excita o povo. Aproveita-se da credulidade e da ignorância das pessoas simples (KOMORNICKA: 1997, p. 406)

Retornemos à relação enunciada anteriormente entre os espaços urbano e rural nas duas comédias que estamos analisando. Em *Os Acarnenses*, Diceópolis transita claramente entre a *ásty* e a *khóra*. A peça se inicia com o protagonista observando a *Pníx* vazia, logo na *ásty* (vv. 1-42). É interessante esta fala de Diceópolis pois podemos ter nela o primeiro elemento de disforização do espaço urbano. A *Pníx* está vazia pela manhã e ao meio dia começa a ser tomada pelas novas lideranças políticas atenienses. É necessário que enfatizemos que o comediógrafo disforiza uma *ásty* específica, isto é, o espaço urbano onde predomina os demagogos. É um espaço que não mais respeita a *isegoría*<sup>9</sup>, pois quando Diceópolis tenta ter a palavra, esta é imediatamente repelida pelo Arauto. Ele acaba por assistir ao desenvolvimento da assembléia como simples espectador (THIERCY: 1986, p. 192). O direito de fala do cidadão é agora silenciado pelas *vozes de trovão* dos demagogos (consultar: ARISTÓFANES. *As Vespas*. v. 597). Para Paul Demont, Diceópolis para conseguir a paz teve que primeiro se tornar um cidadão ativista se envolvendo nos *prágmatai* da política e adotar o comportamento de seus adversários (DEMONT: 1997, p. 470). A arte da retórica utilizada quando Diceópolis dialoga com Eurípidés pode corroborar a afirmação de Demont (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*. vv. 394 e seg.). Vemos que ele não hesita em lançar mão de todos os recursos oferecidos pelas novas tendências, se necessário fosse (THIERCY: 1986, p. 192).

A *Pníx* vazia nos remete à possíveis conclusões: o desinteresse pela prática política, a guerra que faz com que os cidadãos estivessem ausentes e discutir a paz talvez não despertasse o interesse do corpo cívico no momento.

Antes de estabelecer a paz individual, Diceópolis está na *ásty* tentando exercer os seus direitos de cidadão: “Lá me ponho a contemplar o meu campo, desejoso de paz. Tenho horror da *ásty*, e saudades da minha terra,...” (ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. vv. 33-35). Após estabelecer a trégua com os lacedemônios, Diceópolis se encontra no campo. Porém, na *khóra* ele estabelece uma prática urbana, a saber: o comércio (ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. vv. 624 e seg.). Já Trigeu e o Coro dos Agricultores de *A Paz* não parecem estar ligados ao espaço urbano. Na passagem em que Trigeu, já no mundo dos deu-

ses, conclama os diversos grupos profissionais citadinos e camponeses para libertarem a deusa Eiréne, observamos a inexistência de um ponto de contato entre estes grupos (ARISTÓFANES. *A Paz*. vv. 289-300). Os espaços de ação em *A Paz* são os seguintes: até o verso 178 a ação se passa junto à casa de Trigeu na *khóra*, dos versos 178 ao 728 Trigeu se encontra no mundo dos deuses e, a partir do verso 728, há o retorno à terra, em frente da casa de Trigeu.

Restabelecer a paz é certamente o objetivo comum das duas comédias. É interessante destacar que Diceópolis busca a paz através dos cidadãos. É ao corpo cívico reunido na *Próx*, isto é, ao mundo dos homens, que ele recorre. Já Trigeu recorre ao mundo dos deuses. Ele vai até Zeus e, através de Hermes, fica sabendo que a deusa Eiréne foi aprisionada por Pólemos numa gruta (ARISTÓFANES. *A Paz*. v. 224) e que os deuses se transferiram de moradia devido a guerra (ARISTÓFANES. *A Paz*. vv. 197, 199 e 204-209). Mas o retorno da paz cabe aos homens.

Podemos neste momento nos perguntar o que significa, no teatro de Aristófanes, a paz? Para respondermos tal questão selecionamos alguns dos elementos figurativos<sup>10</sup> presentes nas comédias que estamos analisando que explicitam os elementos temáticos<sup>11</sup> guerra e paz.

Em *Os Acarnenses* alguns dos elementos figurativos que remetem à temática paz são:

- produtos para vender – *krémata diempolân* –, uns de uso caseiro – *en oikíai* –, outros bons para comer quentes (vv. 974-976),
- plantar uma grande linha de videiras – *ampelidos* –, uns rebentinhos novos de figueira – *sukídon* –, um pé de vinha – *hemeridos órchon* –; e, a toda volta do campo – *tò khoríon* –, plantava oliveiras – *heládas* (vv. 995-998),
- vamos, tratem de me cozer estas lebres – *lagōa* –, assem-nas (v. 1006),
- Tratem de assar as enguias (v. 1042),
- Não ir à guerra – *strateúoit'* –, ficar em casa para fazer amor, lhe deitas nesta taça de alabastro um copo de paz – *eirénes* (vv. 1051-1053),
- Vem depressa para o banquete – *deipnon* (v. 1085),
- Ele (...) vai beber uns copos (v. 1145),
- está ele na cama com uma mocinha na flor da idade – *paidískes horaíotátes* –, que lhe faz festas na coisinha ... (vv. 1148-49),
- E vocês as duas, segurem-me bem na pilinha – *tou péous*, pênis –, minhas queridas – *phílai!* (v. 1216),

- E eu quero mas é ir para a cama – *katheúdein*. Estou em ponto de rebuçado, todo em pulgas para o amor (vv. 1220/1221).

Já os elementos figurativos que dizem respeito à guerra são:

- perdi a minha junta de bois – *tó bóe* (v. 1022),
- Tira-me a lança – *tò dóru* – cá para baixo e traz-ma aqui (v. 1118),
- Vou tirar a espada – *tou dóratos* – da bainha (v. 1120),
- Traz-me cá o escudo – *aspídos* –, aquele que tem a Górgona, o redondo (v. 1125),
- Traz-me cá minha couraça de guerra – *thóraka polemístérion* (v. 1132),
- ... prende-mo bem ao escudo – *tes aspídos* (v. 1136),
- Vou morrer, vítima das lanças – *doròs* – inimigas (v. 1191),
- Como essas feridas me fazem sofrer – *traumáton hepodúnion* (v. 1205),
- Uma lança – *lógché* – (...) atravessou-me os ossos (v. 1226).

Os elementos figurativos relativos à paz na comédia *A Paz* são os seguintes:

- ... ficar em terra, fazer amor, ferrar no sono, andar por festas – *es pavegúreis* –, ir aos banquetes ... – *theorein*, espetáculo (vv. 339-45),
- .. que este dia seja, para todos os Helenos, o princípio de uma longa felicidade – *kagathōn* (v. 436),
- E que possa viver a sua vida em paz – *eiréne*, (v. 439),
- Que os lavradores – *georgoús* – se retirem, com os seus instrumentos de lavoura, para os campos – *eis argròn* (vv. 551-552),
- ... uma vontade sobre-humana a puxar-me para os campos – *eis argròn* (vv. 583-86),
- ... salvei os Helenos, de maneira que todos eles podem viver em segurança nos campos – *argois* (vv. 867-868),
- ... que alegria ver-me livre do elmo – *aránous* –, do queijo e das cebolas (vv. 1128-1129),
- ... ficar à lareira, a emborcar uns copos com os amigos; – *phílon* (vv. 1132-1134),
- Nada é mais agradável do que, feitas as sementeiras – *aparména* –, ver o deus a mandar chuvinha, (vv. 1140-1141),

- ... assa-me aí três medidas de feijão, mistura-lhe uns grãos de trigo e arranja-nos uns figos (vv. 1144-1145),

- ... vir beber um copo conosco ... (v. 1154),

- ... todo me delicio a passar em revista os meus vinhedos – *ampélous* (v. 1162),

Alguns dos elementos figurativos associados à guerra são:

- ... perco a cabeça quando vocês me vêm pedir pão – *ártou*, (...) e, em casa – *éndon*, de dinheiro – *arguríou* – nem migalha (vv. 119-121),

- esmagar as vossas *póleis*- *tàs póleis* (v. 231),

- foram eles que me derrubaram também a minha figueira – *phúteusa*, plantio (vv. 628-629),

- ... quando os camponeses vieram dos campos – *tōn agrōn* – para se refugiarem aqui ... – na *ásty* (vv. 632-33);

Em ambas as comédias, o poeta euforiza a *khóra* como espaço da paz, a fartura nos campos, a normalidade da vida, a agricultura, a satisfação sexual, as festas e a bebida, e disforiza a *ásty* como espaço da demagogia, a guerra, as dificuldades da vida urbana, a carestia, a presença dos camponeses na esfera urbana e a fome.

Notamos que o espaço por excelência da paz é o campo. A paz<sup>12</sup> tem o significado de uma vida farta, da alegria que se estampa no rosto do camponês bem alimentado. A paz é a garantia da ocupação perene da terra, sem o temor das invasões inimigas; é a longa felicidade para os Helenos (ARISTÓFANES. *A Paz*. v. 436). Felicidade esta, que se expressa na satisfação individual dos apetites primários dos homens: a comida, a bebida e o sexo (CANCELA: 1982, p. 55). É ainda a abundância, a boa vida, a alegria, o gozo dos prazeres simples da existência, em oposição a abstinência, a cansaça (*ponos*), a dor e a tristeza, características peculiares ao contexto de guerra (GARLAN: 1994, p. 51).

Certamente por simbolizarem a paz tão procurada, é que nutrição e sexo aparecem estreitamente ligados nas comédias de Aristófanes (THIERCY: 1997, p. 132). A festa é outro elemento bastante presente nas obras do poeta ateniense, talvez seja porque ela represente a felicidade, a fartura alimentar e, até mesmo, sexual. Quando entre os atenienses as coisas não estão bem, o comediógrafo opta por terminar suas obras com uma grande festa, certamente querendo mostrar que o fim da fome é possível e que a paz é vital.



Os textos de Aristófanes apresentam aos atenienses a má política, a penúria trazida pela guerra, o crescimento do poder pessoal, a presença de novos grupos emergentes – comerciantes e artesãos –, e de um novo tipo de tirania – a demagógica. Ele denuncia tudo aquilo que crê contrário aos interesses da *pólis* e ao espírito humano (GRIMAL: 1986, p. 61). Ele faz a *koinomía* refletir sobre si mesma através da catarse cômica: o riso.

Rir é prazer, é transgressão, é subversão, é um meio de comunicação que Aristófanes usou para refletir a *pólis*. O cômico, segundo Jean-Mar Defays, desmancha os limites, as fronteiras, produzindo o espaço da ambigüidade (DEFAYS: 1996, p. 6). O riso nos reenvia à nossa cultura, à nossa sociedade e aos grupos de identidade social. Assim sendo, ele reforça os grupos e sua identidade e marca as alteridades (DEFAYS: 1996, p. 1). Ele possui uma significação social, já observada por Henri Bergson desde o século XIX (BERGSON: 2001, pp. 4-6). O cômico é específico, nos reenviando para a cultura que o produziu. Seu quadro espacial se encontra tanto na margem quanto no interior das instituições sociais ou da oficialidade (DEFAYS: 1996, p. 42).

Mas além de fazer rir, Aristófanes sabia dar aos que o escutavam o sentido infinito da riqueza da vida humana (GRIMAL: 1986, p. 62). Mesmo quando sua proposta parecia por demais individualista, a sua mensagem era coletiva. Diceópolis, com sua paz privada, incitaria a todos os cidadãos a decidirem por segui-lo e, desta forma, a soma dessas conquistas conduziria à paz coletiva e à salvação de toda a *pólis*, objetivo máximo da crítica aristofânica.

## Documentação

ARISTOPHANES. *Les Acharniens, Les Cavaliers, Les Nuées*. Trad. H. Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

\_\_\_\_\_. *Les Guêpes, La Paix*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

\_\_\_\_\_. *The Peace, The Birds, The Frogs*. Trad. B. Bickley Rogrs. London: Harvard University Press, 1996, v. II.

PLATO. *The Laws*. Trad. R.G. Bury. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.

## Bibliografia

- ARENDDT, H. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- BERGSON, H. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CANCELA, E.M. *Comedia y Sociedad en la Antigua Grecia*. Habana: Editorial Letras Cubanas, 1982.
- CARDOSO, C.F. S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papirus, 1997.
- CARRIERE, J-CI. *Le Carnaval et la Potique: Une introduction à la Comedie Grecque suivie d'un choix de Fragments*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.
- CHEVITARESE, A.L.. *O Espaço Rural da Pólis Grega: o caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: A.L. Chevitarese, 2000.
- \_\_\_\_\_. "Philaí, Dêmoi e Escravidão Agrícola na Atenas Clássica". IN: *Phoînix 4*. Rios de Janeiro: Sette Letras, 1999, vol. 5.
- COULET, C. *Communiquer en Grèce Ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- DEFAYS, Jean-Mar. *Le Comique*. Paris: Seuil, 1996
- DEMONT, Paul. "Aristophane, le citoyen tranquille et les singeries". In: *Aristophane: la langue, la scène, la cité. Actes du colloque de Toulouse*. Bari: Levanti Editori, 1997.
- FINLEY, M.I. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GARLAN, Y. "O Homem e a Guerra". IN: VERNANT, J-P. (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.
- GRIMAL, P. *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- KOMORNICKA, Anna M. "Le pouvoir en question dans les comédies d'Aristophane. In: Aristophane: la langue, la scène, la cité". IN: *Acts du colloque de Toulouse* Bari: Levanti Editori, 1997.
- MARTINS, J.S. "O senso comum e a vida cotidiana". IN: *Tempo Social*. São Paulo: USP, 1998, v. 10.
- MOSSÉ, Cl. *Atenas: a História de uma Democracia*. Trad. João B. Costa. Brasília: UnB, 1997.
- \_\_\_\_\_. "O Homem e a Economia". IN: VERNANT, J-P. (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.
- MURRAY, O. "Vida y Sociedad en la Grecia Clásica". IN: BOARDMAN, J. e outros. *Historia Oxford del Mundo Clásico*. Madrid: Alianza Editorial, 1993, vol. I.

OLIVEIRA, F. "Typologie de l'invective politique chez Aristophane". In: *Aristophane: La langue, la scène, la cité. Actes du colloque de Toulouse*. Bari: Levanti Editori, 1997.

THIERCY, P. *Aristophane: La langue, sa Scène, la Cité. Actes du colloque de Toulouse*. Bari: Levanti Editori, 1997.

\_\_\_\_\_. *Aristophane: Fiction et Dramaturgie*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

TRÉDÉ, M. & HOFFMANN, Ph. *Le Rire des Anciens*. Bari: Presses de L'École Normale Supérieure, 1998.

### Notas

---

<sup>1</sup> De acordo com Yvon Garlan, "o homem grego estava habituado à guerra e foi mesmo belicoso, (...) em média, a Atenas clássica esteve em guerra durante mais de dois anos em três, e nunca conheceu a paz durante dez anos seguidos; ..." (GARLAN: 1994, p. 49).

<sup>2</sup> A autora enfatiza a importância da narrativa minuciosa do historiador Tucídides para o melhor conhecimento desse período histórico. Afirma ainda que a narrativa de Tucídides nos oferece uma versão, de certo modo oficial, do período (MOSSÉ: 1997, p. 53).

<sup>3</sup> No que se refere à política, Hannah Arendt afirma que ela baseia-se no fato da pluralidade dos homens, ela deve, portanto, regular e organizar o convívio dos diferentes. A política surge entre os homens e não no homem... a liberdade e a espontaneidade dos diferentes homens são o pressupostos necessários para o surgimento de um espaço entre homens, onde só então se torna possível a política... Política surge entre-homens... (ARENDR: 1998, pp. 21-24).

<sup>4</sup> Os médios agricultores se caracterizam como sendo proprietários fundiários e de escravos, alguns, possivelmente, ligados à terra, muito embora, não sejam especificados claramente, em nenhuma das comédias, as funções que eles desempenhavam nas respectivas propriedades (CHEVITARESE: 1999, p. 98).

<sup>5</sup> Vale destacar que os heróis da comédia antiga têm o dom da autocontradição, unindo características opostas (DEMONT: 1997, 460).

<sup>6</sup> A comédia *Os Acarnenses* foi apresentada nas *Lenéias*, sendo vencedora do primeiro prêmio. Porém Aristófanes não a apresenta em seu próprio nome. Já *A Paz* foi encenada nas *Grandes Dionisíacas* e obteve o segundo lugar na premiação.

<sup>7</sup> Cléon morre em 422 a.C. no embate com o rei espartano Brásidas na tentativa de retomar Anfípolis (ver: ARISTÓFANES. *A Paz*, v. 284; JONES: 1997, p. 32).

<sup>8</sup> Finley destaca as seguintes características nos demagogos: jogavam com a ignorância e as emoções da Assembléia, pessoalmente ambiciosos, chegavam até mesmo a governar segundo os caprichos do povo, “liderar o povo” é enganá-lo, movidos pelos seus próprios interesses, desejo de aumentar o seu poder, buscam riquezas, renunciam a todos os princípios para conseguir seus objetivos, renunciam a toda verdadeira liderança, bajulam o povo de todas as maneiras, governam de acordo com os caprichos do povo, mau tipo de liderança, homem cujo próprio interesse torna sua posição suprema e o impele a bajular o povo (FINLEY: 1988, pp. 57-59). Na comédia *Os Cavaleiros*, Aristófanes atribui aos demagogos a voz de safado, a baixa condição e o ar de vagabundo (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*, vv. 214-221).

<sup>9</sup> Para Finley, *isegoría* era “o direito universal de falar na Assembléia, era algumas vezes empregado pelos escritores gregos como sinônimo de *democracia*” (FINLEY: 1988, p. 31 – o grifo é do autor).

<sup>10</sup> Aplicamos a pesquisa o método de leitura isotópica. O nível figurativo se constitui em um significado possível de ser correlacionado em forma direta a um dos cinco sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – e que pareça ligado ao mundo exterior ao texto.

<sup>11</sup> O nível temático é representado pelo tema ao qual se referem os níveis figurativo e axiológico. O nível axiológico está vinculado ao sistema de valores éticos, estéticos, religiosos ou outros quaisquer que os conteúdos dos textos manifestem. Neste nível estaremos observando os elementos euforizados, disforizados e aforizados.

<sup>12</sup> Segundo Platão, nas *Leis*, “é na paz que teremos de viver a maior parte da nossa existência e da melhor maneira possível” (PLATÃO. *Leis*. VII, 803 d).